

WILSON MARTINS

Olhar francês sobre a nossa poesia

As singularidades biográficas dos autores determinam e tomam o lugar de juízos críticos objetivos



MANOEL DE BARROS é um dos poetas brasileiros selecionados na coletânea da revista "Europeo"

Vista de Paris pela revista "Europeo" (nº 827, março de 1998), a poesia brasileira atual é representada por Manoel de Barros, Maria Ângela Alvim, Francisco Alvim, Orídes Fontela, Paulo Leminski, Ana Cristina César, Nelson Ascher e Carlotto Azevedo, aos quais se acrescentaram, em benefício das perspectivas históricas, os nomes de Manuel Bandeira e João Cabral de Melo Neto. Essa é a seleção de Pierre Rivas e Michel Riaudel no "Cahier de création" intitulado "Regardez sur la poésie brésilienne" das três últimas décadas, isto é, de 1968 aos nossos dias.

Manuel Bandeira foi incluído, com a "Evocação do Recife", como "poeta tutelar" que, por sua mera presença, oferece alguma coisa como "uma espécie de garantia genealógica". Quanto a João Cabral de Melo Neto, é, simplesmente, "o maior poeta brasileiro vivo", embora os anos 70 tenham procurado "libertar-se do seu peso considerável e intimidante". Na história literária, o concretismo foi a "última manifestação da utopia vanguardista que radicalizou ao extremo a tradição da modernidade".

Nesse quadro, nomes como os de Paulo Leminski e Ana Cristina César serviram para documentar o malgrado dos aludidos anseios de modernidade, mais do que a implantação de novas tendências e renovação estética: é, antes, a monótona similitude que os distingue, se assim me posso exprimir. São dois casos em que as singularidades biográficas (como, aliás, as de Manoel de Barros) determinam e tomam o lugar de juízos críticos objetivos. Em conjunto, esses poetas marcam, de fato, uma mudança de guarda, depois das experiências retóricas da geração de 45 e dos exercícios tipográficos do concretismo.

O enquadramento de Nelson Ascher e Carlotto Azevedo pode exemplificar o momento em que os dominantes e os recessivos da genética literária se confundem nos ritos de passagem e amadurecimento. Nas palavras de Pierre Rivas e Michel Riaudel, eles representam, "cada um à sua maneira, um contingente mais jovem, no qual a aceitação de tais ou tais legados acompanha-se de um certo distanciamento, ou mesmo de liquidação. O primeiro parece tentado, antes, por um formalismo sutil, "uma combinação *sui generis* de concretismo e parnasianismo", como já se escreveu a seu respeito por alusão a um movimento literário brasileiro contra o qual, justamente, o modernismo se havia afirmado com violência. (...) Paradoxal e deliberadamente fêdica, a trajetória de Nelson Ascher faz dessa maneira o cruzamento da vanguarda com o classicismo, para regenerá-los e desnaturalizá-los".

Carlotto Azevedo, de seu lado, revela igual comando técnico no verso e na desarticulação da sintaxe: "Com

um refinamento que se aproxima de certas formas do maneirismo, ele relança o debate proposto pelo horaciano *Ut pictura poesis*, abordando-o em sua dimensão a mais esteticamente possível". É fácil perceber o ar de família que identifica uns aos outros os poetas selecionados, o que tanto pode indicar, e certamente indica, a sensibilidade comum aos membros da mesma geração, como a influência imitativa que exercem entre si (o que vem a dar no mesmo, mas falaria, na última hipótese, a autenticidade que haveria na primeira). Há um certo modismo de expressão e dicação que lhes ofusca, por inesperado, a originalidade que deveria, ao contrário, diferenciá-los entre si. Mas, se, como já disse, os estrangeiros são, para cada literatura, os contemporâneos do futuro, vale a pena ler esses poetas menos pelo que são do que pelo que poderão vir a ser.

O que não exclui a atenção que se deve a alguns que, por serem contemporâneos nossos, ainda não obtiveram o interesse que merecem, como João Manuel Simões ("Cadeira vazia", Ponta Grossa; Editora da UFPR, 1997), José Alcides Pinto ("Silêncio branco", Fortaleza; Livraria Gabriel, 1998) e Álvaro Pacheco ("Solstício de inverno", Rio: Topbooks, 1998). Este último, como se sabe, é poeta cosmopolita e universal, familiar de países e cidades, de paisagens estranhas e de várias humanidades. Tais impulsos levam-no a escrever também em inglês (muitos poemas com correspondentes em português), curioso hibridismo que o situa, ao mesmo tempo, fora dos dois territórios poéticos. Ele é notavelmente feliz na criação em duas línguas, mas recebeu-o como poeta de uma delas implicando recusá-lo na outra: "Este homem", escreve num dos seus belos poemas, "estará para sempre condenado/ não existe caminho/ por onde lhe escape o destino".

José Alcides Pinto é poeta de imaginação vulcânica e claro tropismo surrealista de visão (v. Floriano Martins, org. "Fúrias do oráculo (Uma antologia crítica da obra de José Alcides Pinto)", Fortaleza: Casa de José de Alencar, 1996). Neste volume, o poema "Augusto Frederico Schmidt" está entre os belos e nobres de nossa literatura, a mais alta homenagem jamais escrita não só a seu respeito, mas a respeito de qualquer outro: "Um poeta com a alma de Antônio Nobre na pele. (...) Meu coração, em louca disparada, atravessa o Aterro do Flamengo./ Chove em que país? Em que lugar do mundo? De súbito a escuridão no meio do trânsito: o poeta Augusto Frederico Schmidt acaba de morrer".

João Manuel Simões traz no sangue a educação poética e lingüística ancestral, e na alma a nostalgia de um mundo perdido, fonte da melhor poesia de nossa literatura: "E sempre dia, e há sol,/ na minha doce/ infância, quando a lembr./ devagar,/ nos platinos da memória./ Embora fosse/ melhor, talvez, ser noite/ e haver luar".

Saga indígena registrada em belas fotografias

A dramática história da tribo dos Panará chega ao público em livro

Editado pelo Instituto Socioambiental, o livro "Panará — A volta dos índios gigantes", que será lançado nesta segunda-feira em São Paulo num grande evento com exposição e mesa-redonda, conta, em belas e impactantes fotos e textos, a trajetória da tribo dos Kranhacôre. A tribo foi quase dizimada pelo "vírus do homem branco", transmitido no primeiro contato entre os povos, feito em 1973. Além disso, passou por um período de 20 anos de exílio longe de suas terras: foi transferida para o Parque do Xingu contra a sua vontade, num episódio polêmico, gerado em plena era do milagre econômico, que desbravava o interior brasileiro a todo custo com a promessa de construir estradas e aeroportos. De volta às paisagens conhecidas, na divisa entre Mato Grosso e Pará, eles voltaram a crescer e querem ser reconhecidos pelo seu verdadeiro nome: Panará.

Registros da tribo renderam prêmio ao fotógrafo

O ensaio fotográfico é assinado por Pedro Martinelli, que realizou a mais extensa cobertura fotográfica da expedição dos irmãos Vilas-Bôas e o "primeiro contato" com os Kranhacôre, ainda como repórter do GLOBO. Em 1995, registrou o retorno dos Panará ao território original da tribo, reportagem que lhe rendeu o Prêmio Esso na categoria Informação científica, tecnológica e ecológica. Os textos mais explicativos são de autoria dos jornalistas Ricardo Azambuja Arnt, Lúcio Flávio Pinto e Raimundo José Pinto. A edição custa R\$ 35 e por enquanto é vendida no próprio instituto, em São Paulo. Informações pelo telefone (011) 809.5544.

Revoluções ocultas na palavra poética

Retomando textos publicados no Brasil, Jacques Rancière aprofunda seus estudos sobre a literatura

ENTREVISTA Jacques Rancière

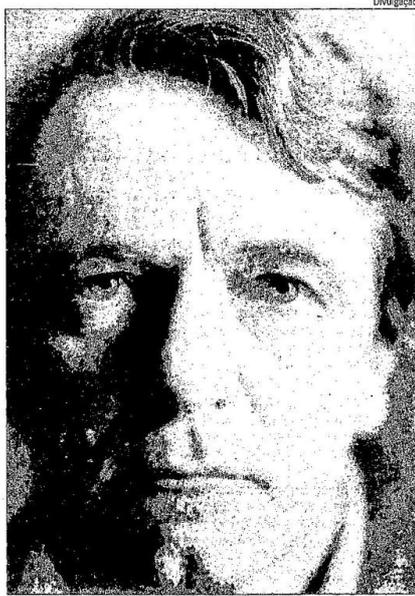
• Pensador da política, ex-assistente de Louis Althusser e Michel Foucault, Jacques Rancière lança simultaneamente na França dois livros que têm a literatura como tema. O que une os ensaios de "La chair des mots" (publicados antes no Brasil, pela Editora 34, sob o título "Políticas da escrita") e "La parole muette" é uma reflexão original sobre como o compromisso político da literatura pode se manifestar mais no próprio ato da escrita do que nos eventuais conteúdos da obra.

Paulo Roberto Pires
Enviado especial • PARIS

O GLOBO: Você retoma nos livros publicados agora os temas de "Políticas da escrita", que só foi editado no Brasil?

JACQUES RANCIÈRE: Isso acontece particularmente com "La chair des mots", que é uma coleção de ensaios, muitos dos quais foram publicados no Brasil. "La parole muette" também analisa a literatura, mas neste livro tento definir de forma mais precisa a idéia da literatura como um conceito histórico da arte de escrever. Nos dois livros pode-se ver, de uma forma geral, as relações entre literatura e política a partir das relações entre as palavras e as coisas e da maneira através da qual as palavras ganham força e encarnação. Tento investigar a forma pela qual se constituiu a idéia de literatura a partir do século XIX.

• Pode-se dizer que nestes dois trabalhos você mudou seu objeto de estudo da política para a literatura? Há continuidade ou ruptura entre os dois?



JACQUES RANCIÈRE: entre a literatura e a política, noções de continuidade

RANCIÈRE: Há continuidade, pois nos dois casos o que me interessa são as fronteiras entre as palavras e as coisas, a questão da divisão social e política, da divisão entre os que pensam e os que não pensam, enfim, a divisão entre palavras e corpos. Tento pensar a política pelo uso de certas palavras, numa concepção orgânica da política como expressão da comunidade.

requalificar uma sociedade, que originalmente queria dizer "as pessoas do nada". Democracia queria dizer, portanto, os poderes desta "gente do nada" na comunidade. Quero mostrar que a cada momento o significante político não quer dizer a mesma coisa que o social. Proletário, no movimento operário, não queria dizer apenas uma parte da população, era uma noção geral entre os grupos sociais.

• Pode-se dizer então que a literatura permite estudar de forma mais sutil e refinada as questões da política?

RANCIÈRE: Talvez, pois no fundo a literatura frequentemente diz coisas sobre a política, mesmo quando ela não é política. Não apenas porque este ou aquele escritor é engajado politicamente, como Victor Hugo, mas sobretudo pela forma através da qual ela se localiza e atua num universo de discurso. Penso na literatura francesa tradicional: digamos que Hugo será político não só por sua atuação, frequentemente espetacular, mas pelo próprio status que assume a escrita de seus livros e pela forma como a sua idéia de escrita representa uma idéia de comunidade. Tento mostrar como a literatura no sentido moderno compreende duas idéias de escritura que são também duas idéias de comunidade. Há uma espécie de grande idéia da palavra poética como manifestação de um grande poema coletivo, um poema da comunidade, um poema da linguagem, que remete a uma "poeticidade" no cerne da literatura. Mostro que há qualquer coisa que se dá na palavra literária que estabelece, ao contrário, uma relação um tanto paradoxal entre a singularidade e a soberania da palavra poética. As duas, no fundo, são ligadas à palavra comum de toda comunidade.

à palavra democrática, e não somente à que aparece, por exemplo, no romance de Gustave Flaubert, no qual há a soberania absoluta do artista, do escritor. Essa palavra só pode se afirmar, no entanto, em relação a um corpo-a-corpo com a prosa do mundo, representada em "Madame Bovary" pela fala dos personagens que cercam Emma e Charles Bovary.

• Em "O desentendimento", você diz que só o confronto pode salvar a política. A literatura provoca o desentendimento?

RANCIÈRE: Não sei se a literatura provoca necessariamente o desentendimento. Em determinados momentos isso acontece, no sentido em que a literatura acusa a impossibilidade de as palavras se relacionarem com as coisas. Às vezes essa distância se estabelece contra as intenções do próprio autor. Balzac, por exemplo, é uma espécie de utopista social reacionário e encontra o desentendimento. O próprio Marx diz que Balzac mostra a realidade social tal como ela é, ou seja, contra os interesses da burguesia.

• Qual seria então a singularidade da literatura, uma vez que o político não aparece no conteúdo, mas no ato da escrita?

RANCIÈRE: É claro que na forma de enunciação, na construção da fábula, pode-se encontrar a política. Tento entender as proximidades e distâncias entre a literatura e o discurso político considerando, por exemplo, Wordsworth quando ele fala da Revolução Francesa, ou Mandelstam falando da Revolução Russa. Procuro observar, como as palavras da política se confrontam com as da poesia. Há uma relação entre a palavra literária e a da comunidade que deve ser pensada. Acontece um "retrabalho" da poesia sobre o discurso da comunidade.

